

Memórias que cantam o tempo, por José Carneiro.¹

Comunidade pode ser considerada, também, como um espaço compartilhado por diversas pessoas. No contexto brasileiro, muitas vezes indica áreas afetadas por vulnerabilidades históricas, onde indivíduos compartilham de uma estrutura marginal, em razão de a vida tangenciar os limites do que é tido como cultura estabelecida, ou seja, as hegemônicas. Além disso, no cenário brasileiro, as comunidades representam territórios onde o Estado invade e tira a vida de toda a gente, inclusive de jovens como Eloá, crianças negras e pobres, como aquelas com as quais me encontro diariamente como professor na Escola Estadual Melvin Jones, em São João Clímaco, que fica vizinha à comunidade de Heliópolis.

No dia em que a pequena Eloá foi morta no Rio de Janeiro, resultado de mais uma violenta intervenção policial, assisti ao espetáculo Sankofa do coletivo teatral Bando Jaçanã (fundado em 2015) na sede da Cia de Teatro Heliópolis. A morte da criança, de modo semelhante à temática da obra, me levou a questionar, na condição de espectador, o quanto tanto a ação real como aquela ficcional mexeu comigo. Ações que, de diferentes modos, me mobilizariam a tomar atitudes contra as mortes e desaparecimentos de pessoas negras, pobres ou ativistas: filhos e filhas de um país racista e classista.

Em Akan, uma família de línguas da África Ocidental, apresenta-se o provérbio tradicional "Se wo were fi na wosan kofa a yenki", que pode ser traduzido como "Não é tabu voltar atrás e buscar o que se esqueceu". O vocábulo Sankofa se caracteriza em imagem – que faz parte de um conjunto de símbolos nomeado Adinkra – e cujo sentido com provérbio, representado por um pássaro mítico que voa para frente, mas olha para trás e carrega um ovo em seu bico, simbolizando o futuro. A diretora e dramaturgista Antonia Mattos, junto ao pessoal do Bando, tece histórias do cangaço e da Jova Rural, um bairro jovem da Zona Norte de São Paulo e morros próximos. O conjunto criador constrói a narrativa do espetáculo, baseada em relatos reais de moradoras da periferia e no imaginário de figuras como Lampião e Maria Bonita, cuja força, é conduzida por Sankofa. A personagem mítica é representada por um ator e uma atriz que, fluidamente, entrelaçam os pontos cruciais de sobreposição das histórias, enfatizando a perspectiva contemporânea a refletir a experiência dos atuentes da cena. Em tal recorte, ganham destaque a gente envolvida na formação da Jova Rural e arredores, incluindo migrações do Nordeste e Norte, e lutas específicas que ecoam uma realidade sociorracial mais ampla.

¹ Atua como artista cênico, audiovisual e professor. Graduado em Teatro pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e mestrando em Artes Cênicas pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), com orientação do professor/pesquisador Alexandre Mate. Mineiro, fundou com um pernambucano o grupo Teatro Taberna em Goiânia, hoje o coletivo se divide entre Goiás e São Paulo, alicerçado em referenciais brasileiros.

Para construir a obra, a diretora criou e imprimiu destaque a uma personagem-coro, cuja função cênico-étnico-narrativa evidencia o território e as ações apresentadas, sobretudo a partir das famílias do conjunto criador. As performances musicais são habilidosamente executadas por artistas com ricas experiências rítmicas em suas trajetórias artísticas-pessoais. Portanto, o conjunto da cena, notavelmente jovem, convence e brilha, tanto no que concerne à estética como quanto à importância do poder coletivo, na retomada de trajetórias de suas ancestralidades.

A relação desenvolvida durante o espetáculo do coro criador entre si e com o público foi intensa. Ainda alguns ajustes são necessários, mas, diante do compromisso ético que o Bando Jaçanã assume com sua(s) comunidade(s), é preciso saudar a obra. A espiral que o coletivo cria envolve em uma jornada lúcida e ativa, mesmo que “inacabada” (posto que em processo). À medida que o futuro se aproxima, ele já foi ou está presente. Isso ecoa um “futuro ancestral”, como Krenak destaca.

Quanto à questão apresentada no programa do evento: o ovo ou a galinha? No Bar das Encruzilhadas, espaço fictício na trama do Bando, a resposta é Exu.